

## A CAMINHADA DO ORGULHO SURDO: REGISTROS E REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DO MOVIMENTO SURDO NO RIO DE JANEIRO

*The Deaf Pride Walk: records and reflections on history of the Deaf  
Movement in Rio de Janeiro*



### **Adilson Magarão Buze**

Especialista em “Educação de Surdos: aspectos políticos, culturais e pedagógicos” pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Servidor público federal como Professor de Libras da Educação Infantil no Departamento de Educação Básica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/MEC). Contato: [adilbuze@hotmail.com](mailto:adilbuze@hotmail.com)



### **Rosana Duarte Grasse**

Mestranda na Pós-graduação stricto sensu profissional em Educação Bilíngue pelo Departamento de Ensino Superior do INES (DESU/INES). Servidora pública federal como Professora de Libras da Educação Infantil no Departamento de Educação Básica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/MEC). Contato: [rdgrasse518@hotmail.com](mailto:rdgrasse518@hotmail.com)



### **Roberta Santos Moraes Gomes**

Mestra em “Diversidade e Inclusão” pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Servidora pública federal como Professora de Libras da Educação Infantil no Departamento de Educação Básica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/MEC). Contato: [betagomes06@gmail.com](mailto:betagomes06@gmail.com)



### **Ramon Santos de Almeida Linhares**

Mestre em Estudos da tradução (UFSC). Servidor na função de coordenador de projetos (INES/DDHCT). Atuou nessa pesquisa no complemento ao banco de imagens e conceitos em Estudos Surdos assessorando os autores principais na coesão progressiva do texto em Língua Portuguesa escrita debatido em Libras. Contato: [ramon.sal08@gmail.com](mailto:ramon.sal08@gmail.com)

## Resumo

Esse texto propõe uma reflexão sobre os processos de autoconhecimento vividos por pessoas Surdas por meio do registro de manifestações públicas organizadas por Coletivos Surdos na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Além de destacar o protagonismo de pessoas Surdas na construção de um movimento social consistente, esse texto também apresenta um breve histórico sobre a construção de atos públicos que reforçam afirmativamente o “Orgulho de Ser Surdo” nos contextos da Comunidade Surda carioca: a Caminhada do Orgulho Surdo. Imagens e relatos que ilustram e embasam a trajetória de construção, difusão e consolidação dos ideais de autodeterminação e autoafirmação do Movimento Surdo como sociedade civil organizada. Esse percurso é marcado tanto por personalidades Surdas reconhecidas como lideranças, assim como descreve o quanto esses coletivos entrelaçam suas narrativas públicas com as histórias das instituições dedicadas aos Surdos nesse mesmo município. Sistematizar e apresentar esses elementos reforça os valores construídos no interior das Comunidades Surdas, assim como perpetua e atualiza esses modos de autorreferência na história de construção das identidades individuais e coletivas do Ser Surdo.

## Palavras-chave

Comunidade Surda carioca. Movimento Social. História Cultural. Preservação. Autoconhecimento.

## Abstract

This text proposes a reflection on the self-knowledge processes experienced by Deaf people through the registration of public events organized by Deaf collectives in the city of Rio de Janeiro, Brazil. In addition to highlighting the role of Deaf people in building a consistent social movement, this text also presents a brief history on the construction of public acts that affirmatively reinforce the “Pride of Being Deaf” in the contexts of the Rio Deaf Community: the Pride Walk Deaf. Images and reports that illustrate and support the trajectory of construction, diffusion and consolidation of the Deaf Movement’s ideals of self-determination and self-affirmation as organized civil society. This path is marked by both Deaf personalities recognized as leaders, as well as describing how these collectives intertwine their public narratives with the stories of institutions dedicated to the Deaf in that same municipality. Systematizing and presenting these elements reinforces the values built within the Deaf Communities, as well as perpetuates and updates these modes of self-referencing in the history of building the individual and collective identities of the Deaf Being.

## Keywords

Deaf community in Rio. Social Movement. Cultural History. Preservation. Self-knowledge.



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O  
QR CODE AO LADO OU O LINK**

[https://www.youtube.com/channel/UCosR0a\\_gJVuvT-26VxiR3cTQ](https://www.youtube.com/channel/UCosR0a_gJVuvT-26VxiR3cTQ)

Canal do DDHCT INES no YouTube



## INTRODUÇÃO

Este texto apresenta um relato a respeito da “Caminhada do Orgulho Surdo” organizada no Rio de Janeiro, de 2004 a presente data. *(paramos em 2020)* Adilson- escreveria no período do ano 2020. Essa manifestação pública é compreendida aqui como um forte dispositivo para construção de narrativas culturais protagonizadas por pessoas Surdas. Apontamos ainda que, para além de ser um ato de concentração e manifestação pública de suas próprias narrativas sobre o Ser Surdo, essa caminhada cooperou com a consolidação de uma data comemorativa nacional dedicada à afirmação e difusão dessas narrativas. Desenvolvemos uma descrição das relações entre o “Orgulho de Ser Surdo”, a “Caminhada do Orgulho Surdo” e o “Setembro Azul” como um processo cultural em constante desenvolvimento. Faremos essa descrição a partir de nosso próprio envolvimento nesse contexto como jovens Surdos formados no interior desse movimento nacional. Oferecemos aqui aos nossos leitores uma narrativa cheia de relatos e imagens que hoje se apresentam como memória e patrimônio das comunidades Surdas brasileiras; a saber, especificamente sobre uma parte da história das comunidades Surdas cariocas.

Nosso texto é aberto com um relato sobre os primeiros passos de uma caminhada (auto)investigativa que vivenciamos para chegarmos a esse recolhimento de dados. Seguimos debatendo a questão da Identidade Cultural Surda apontando as inspirações e contatos que consideramos ter despertado a Comunidade Surda carioca em promover seus próprios eventos. Focamos, então, na questão da Caminhada do Orgulho Surdo como acontecimento histórico até chegarmos ao uso das imagens como suporte de memória e apresentamos uma breve seleção de imagens. Concluímos apontando os desdobramentos e as repercussões e relatos de líderes Surdos sobre a luta.

### **1. OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA CAMINHADA (AUTO)INVESTIGATIVA**

Antes de apresentarmos os dados referentes ao nosso objeto de estudo, gostaríamos de apresentar os contextos nos quais iniciamos nosso interesse de pesquisa no tema. Em 10 de setembro de 2016, os três autores desse texto se reuniram para a formação de um grupo de pesquisa dedicado ao planejamento da comemoração do que formalmente chamaram de “Setembro Azul”. O evento foi desenvolvido no CAP/INES com o objetivo de promover a Cultura Surda entre os alunos. O CAP/INES funciona do Departamento de Educação Básica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DEBASI/INES/MEC). O INES<sup>1</sup> é uma instituição pública federal fundada em 1857 durante o Império e tem uma significativa

---

1 Cf.: [www.ines.gov.br](http://www.ines.gov.br).

relevância histórica das comunidades Surdas brasileiras por ter sido a primeira instituição dedicada à educação de pessoas Surdas no Brasil.

O evento foi composto por atividades de exibição de vídeos, exposições, peças teatrais, jogos e dinâmicas em Libras (Língua Brasileira de Sinais). Sua finalidade foi estimular os alunos a interagirem em Libras em um espaço que os levasse a pensar a respeito de si como pessoa Surda no mundo. Desse modo, esperava-se promover mais caminhos para o autoconhecimento individual e coletivo. Um movimento essencial para a construção de uma identidade afirmativa que resiste e se opõe frente a muitas outras interpretações negativas sobre o Ser Surdo.

A data escolhida para o evento foi 26 de setembro, quando já se comemora o Dia Nacional do Surdo. O mês de setembro, cabe lembrar, se tornou especial para as Comunidades Surdas em diversos lugares do Brasil e do Mundo ao longo dos anos. No Brasil a data foi escolhida em decorrência da fundação do INES, fundado pela parceria entre o professor Surdo francês Huet e o Imperador Pedro II na data de 26 de setembro de 1857.



**Figura 01** - Mosaico de imagens: E. Huet, Dom Pedro II, fachada do INES nos anos 60 e atualmente. Imagens do Memorial Institucional do INES. Última imagem do fotógrafo Surdo Renato Nunes.



**Figura 02** - Panfleto da Feira do Surdo no mês "Setembro Azul".

Em formato de feira, o evento foi organizado com uma programação de atividades unificadas e simultâneas. Para as atividades simultâneas, os professores se dividiram em grupos nos quais puderam compartilhar saberes e promover dinâmicas em subtemas relacionados com o tema geral do “Orgulho Surdo”. A atividade teve como público os alunos Surdos matriculados no CAP/INES do Departamento de Educação Básica (DEBASI) do INES, como parte de uma atividade especial de sábado letivo. Um exemplo de abordagem do tema central que compôs o evento foi a do tema do “Orgulho Surdo”, por meio da apresentação dos Movimentos Surdos, suas lutas e suas reivindicações, pesquisado pelos professores Surdos da instituição. Consideramos que tanto a preparação para o evento, que nos aperfeiçoou como professores-pesquisadores, como a troca com os alunos durante o sábado letivo, foram extremamente enriquecedoras para o que percebemos ser hoje uma pesquisa vivenciada sobre a história das Pessoas Surdas feita por Pessoas Surdas.

**Figura 03** - Alunos e professores na feira do “Setembro Azul” na quadra CAP-INES.



**Figura 04** - Professores de Libras Surdos presentes na feira.



**Figura 05** - Os professores organizadores da pesquisa e apresentação na feira.’



**Figura 06** - Pessoas Surdas presentes da feira em uma grande foto comemorativa.



No percurso da pesquisa para a organização dos conteúdos nas atividades do evento, fomos levados a recordar inúmeros outros momentos nos quais, nós mesmos como jovens Surdos, estávamos nas ruas pedindo visibilidade e reconhecimento da Comunidade Surda brasileira. Essa recordação motivou a construção da narrativa que apresentaremos neste texto. Uma narrativa que

retorna até antes desse evento no CAP/INES e vai até a lembrança de outras fases dessa nossa história. Uma recordação que, nesse texto, não tem a pretensão de criar uma descrição estritamente linear ou técnica. O que queremos é passear, ou melhor, fazermos uma CAMINHADA por essas memórias com a finalidade de apontarmos os Valores Culturais Surdos que elas tentavam reafirmar, comunicar e difundir como manifestação pública.

## 2. QUESTÃO DA IDENTIDADE CULTURAL SURDA

Afinal o que é Orgulho Surdo? Para se definir essa ideia é preciso conhecer as vivências que levam ao reconhecimento afirmativo de si mesmo como Pessoa Surda. Uma etapa significativa desse processo é aceitar-se como Pessoa Surda, pois existem muitas pessoas Surdas que não se reconhecem como Surdas. Tanto porque estão muito mais expostas às interpretações negativas da condição de surdez, como por não terem contato com os ambientes mais apropriados para vivenciarem seus próprios processos afirmativos e potentes de subjetivação como Pessoa Surda. Ou seja, ainda que sejam Surdos, não estão inseridos na Cultura Surda, uma experiência que tem como fundamento central conhecer o mundo por uma cultura da visualidade fundada pelo intermédio linguístico das Línguas de Sinais.

Portanto, sem desenvolvimento de uma subjetividade própria, o indivíduo Surdo provavelmente terá muitas dificuldades para desenvolver seus próprios processos de afirmação e autoconhecimento. O descobrimento do seu próprio Ser Surdo. Afastadas, essas pessoas Surdas, se tornam sujeitos tanto impossibilitados de compreender uma perspectiva afirmativa de si, como de exercitar essa compreensão pelas diversas formas de representação e declaração do Orgulho de Ser Surdo. Uma afirmação que se desenvolve por meio de uma identidade cultural linguística.

Reforçamos, desse modo, que, embora existam muitas pessoas que cresceram sabendo que são pessoas Surdas, elas não se reconhecem plenamente em suas potências até que estejam inseridas em uma Comunidade Surda. Compreendemos que o ato de subjetivação na condição de Ser Surdo passa pela aceitação de sua própria Identidade Surda. Algo que consiste em saber a Libras e se complementa no desenvolvimento de aspectos de habilidades visuais próprias aos Surdos. Um conjunto complexo de elementos, tais como: experiência visual, cultura visual, sentimento, empoderamento da Comunidade Surda. E esses são uns dos aspectos que mais fortalecem, preservam e instituem a valorização do Povo Surdo<sup>2</sup>.

Este Orgulho Surdo é uma consequência da aceitação e exercício da

---

<sup>2</sup> Cf. Ladd, 2003.

identidade como prática cultural e linguística. E se apresentam como fundamento da identidade do Ser Surdo. Abrindo aqui um espaço para nos incluirmos no debate, afirmamos que, por isso, não nos aceitamos como deficientes, mas nós nos compreendemos como um grupo linguístico minoritário subjugado sob o olhar de uma maioria linguística. Adequar-se ao termo Surdo como identidade cultural implica aceitar que existe felicidade na realidade de Ser Surdo - e não tristeza de ser ou portar uma enfermidade. Afirmando mais uma vez que a diferença é comunicacional, de modo que aquilo que diferencia os Surdos dos ouvintes é a modalidade das suas línguas.

Vale a pena defender que, mesmo desenvolvendo descrições afirmativas a respeito do Ser Surdo, não ficamos subjugados a uma denominação, um rótulo homogêneo sobre o que “devem” ou não viverem ou serem os Surdos. Somos contra os rótulos e lutamos para que cada dia mais pessoas possam ver como é o Mundo Surdo. Assim mostramos quem somos, à medida que seguimos conquistando um espaço cada vez maior na sociedade. Ganhos sobre ganhos à medida em que alcançamos mais visibilidade e aceitação. Estudamos, trabalhamos e assim demonstramos que não estamos impedidos em nossa capacidade, mas sim que aquilo que nos impede é sermos negativamente rotulados como deficientes.

A afirmação do Orgulho Surdo é um modo para que nós, os próprios Surdos, possamos vivenciar e mostrar nossas competências, de modo que avancemos tanto em nossos objetivos pessoais como naquilo que a sociedade exige como cidadãos à medida que nosso modo de ser é aceito. O orgulho Surdo passa pela consciência que os Surdos têm da própria Língua e coletivo. Nessa lógica se assume que os Surdos têm um jeito de conhecer o mundo pelo olhar, que os Surdos têm sua própria história, têm seus próprios movimentos e conquistas. A Libras, Língua Brasileira de Sinais, nesse contexto, é sem dúvida o que nos une, é por ela que nos comunicamos e interagimos. Este, em sua complexidade, é o Mundo Surdo. Nossa principal força é nossa maneira de nos comunicarmos. Por ela nós nos unimos. Se os sujeitos Surdos saem dessa unidade, nós perdemos a força. Por isso, é importante ter essa união.

Será que após essa apresentação inicial podemos refletir melhor sobre o porquê de comemorarmos o Setembro Azul? Desde o início apontamos que existiram motivos que influenciaram na escolha desse mês como data comemorativa para celebrarmos os ganhos e existência dos bens culturais das Pessoas e Comunidades Surdas. Além das datas que apontamos até aqui, podemos pontuar outras datas e instituições que se envolveram na consolidação de datas e eventos comemorativos do Ser Surdo, das Línguas de Sinais e das Comunidades Surdas. O mês de setembro também abarca datas comemorativas como o dia Internacional das Línguas de Sinais (dia 23), Dia Nacional do Surdo (dia 26), Dia Internacional do Surdo (último domingo do mês de Setembro de cada ano). Atividades já foram desenvolvidas junto com instituições privadas e públicas, como a Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência,

Secretaria dos Direitos Humanos e/ou ao Governo Federal.

Mas e a cor azul? Talvez você já tenha visto a cor azul turquesa sendo utilizada em inúmeros trabalhos ligados às Comunidades e Pessoas Surdas. Mas qual o motivo por trás da escolha dessa cor? Em várias manifestações públicas de diferentes Comunidades Surdas do mundo podemos ver a recorrência da cor e da fita azul. Esse símbolo (desenhado ou como objeto) pode ser usado como adereços ou em vários lugares do corpo, podendo adornar a cabeça, blusa, pinturas faciais, balões de ar, etc. Mas, retomando nossa pergunta: por que a cor azul? Essa cor, segundo registros de historiadores Surdos do mundo, foi uma marca histórica de opressão nos campos de concentração do Nazismo, para mostrar que aquela pessoa era deficiente, entre elas as pessoas Surdas.

Durante a era do nacional-socialismo na Alemanha, a discriminação contra os “doentes hereditários” estava no auge. A higiene racial era uma grande preocupação e a intenção de corrigi-la fez a Alemanha tomar medidas extremas. Pessoas Surdas e com deficiência auditiva e todos os deficientes eram considerados um “fardo social”. Adolf Hitler e muitos outros temiam que a surdez fosse um gene hereditário que pudesse ser transmitido da mãe ou do pai para a criança. A principal solução da Alemanha para diminuir os números foi através da esterilização. (WIKIPEDIA, 2019 - tradução nossa).

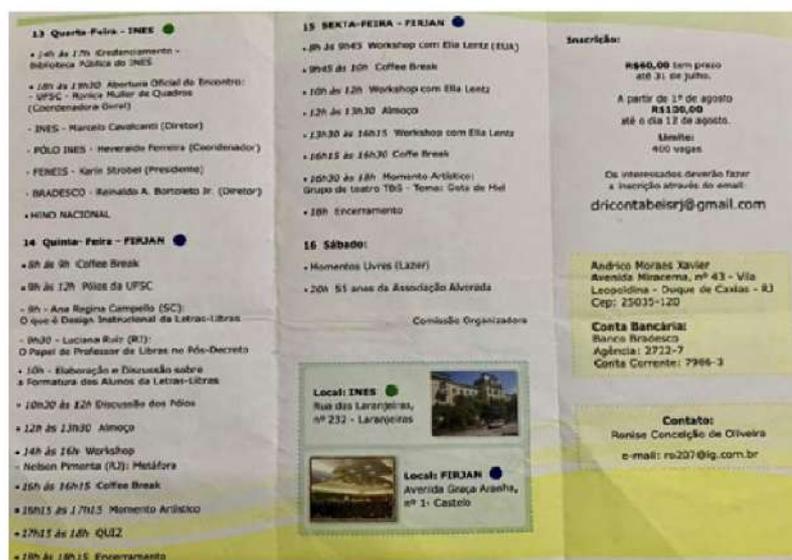
Isso significou para nós uma marca histórica na formação da história das pessoas Surdas. Um movimento de opressão que acabou incluindo como a proibição da Língua de Sinais ao Povo Surdo. A cor azul significa força e resistência; é para os Surdos lembrarem-se das suas lutas.

Algum ano antes do evento que descrevemos inicialmente nesse artigo, no mês de agosto de 2008, aconteceu o “2º encontro Nacional de estudantes de Letras-Libras”. Reconhecemos que uma das palestrantes que esteve presente nesse evento influenciou muito nossas noções a respeito dos conceitos de Movimento Social, Identidade e Cultura Surda.

**Figura 07** - Folder (verso): programação de II Encontro Nacional do Curso de Letras/LIBRAS do Rio de Janeiro



**Figura 08** – Folder (face): Programação II Encontro Nacional do Curso de Letras/LIBRAS do Rio de Janeiro



Na época já organizávamos a caminhada do Orgulho Surdo, desde 2014, mas a ocasião renovou nossa compreensão sobre as possibilidades de movimentação política por meio de uma mobilização pública. Essa palestrante foi a pesquisadora e poetisa Surda Ella Mae Lentz, militante da Comunidade Surda americana. Este evento foi localizado e apoiado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), tendo sido promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) junto com a equipe e alunos do polo do curso de graduação em Letras-LIBRAS no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Rio de Janeiro.

**Figura 09** – Palestrante Ella Mae Lentz (EUA)



**Figura 10** – Apresentação do teatro “Museu de Surdez” em 2º Encontro aibras



Durante sua palestra, Lentz nos foi apresentando sobre um ato marcante de militância do Movimento Surdo mundial que ocorreu no Congresso Internacional de Pessoas Surdas (da *Word Deaf Federation* – WFD), que apresentava a *Blue Ribbon Ceremony* [Cerimônia da Fita Azul], no ano de 1999, na Austrália. Na ocasião narrada pela palestrante, foi explicado que o pesquisador Surdo britânico Paddy

Ladd (2003) idealizou um ato simbólico que tomava a fita azul como representação da Luta Surda. Então, a fita azul ficou como uma marca internacional do nosso movimento. E não é de um país, mas de todas as Comunidades Surdas de diversos países, pois todos nós Surdos reconhecemos compartilharmos de certa unidade no modo de sermos no mundo, reconhecemos que temos Identidade Surda e falamos Línguas de Sinais; embora língua com nacionalidades diferentes.

### **3. A CAMINHADA DO ORGULHO SURDO COMO ACONTECIMENTO HISTÓRICO**

Por isso é importante conhecer o que há por detrás desse símbolo da fita azul e incentivar sua divulgação. Não só para os Surdos reconhecerem, mas para que os ouvintes também saibam mais sobre a história e luta dos Surdos.

Na pesquisa feita para o evento que iniciamos descrevendo nesse texto, e em decorrência do contato com a história do Movimento Surdo mundial, fizemos essa aproximação entre a caminhada do Orgulho Surdo e o simbolismo da Fita Azul. Nosso intuito era dar mais importância ao reconhecimento da opressão e dos sofrimentos que os Surdos viveram em sistemas que pouco se atentavam aos seus modos de existir. Assim como gerar mais visibilidade para as lutas históricas que deram às Pessoas Surdas, pouco a pouco, sua emancipação. Abrindo o nosso olhar, conhecendo nossa subjetividade, interligar-se às construções de uma luta histórica e cultural dada no contexto das Comunidades Surdas. Ao revermos os arquivos, alertamos para ciência de que o movimento da fita azul se iniciou em 2008, pois foi a partir daí que vemos a fita azul presente na Comunidade Surda.

Inicialmente, coloquialmente se falava usando o termo “passeata Surda” no Rio de Janeiro. Mas, com o tempo, o termo mudou para “caminhada”. Temos relatos de que algumas pessoas falam da mudança de denominação a partir do ano 1999, outros dizem 2002 e 2003. Não temos, contudo, registro para definição da data do surgimento dessa manifestação, que já se chamou passeata e caminhada, mas sempre se referindo ao Orgulho Surdo.

Instigados por essas questões mais minuciosas, decidimos revisar os registros de muitos desses momentos em que nós mesmos estivemos e vivenciamos sua potência. Então, iniciamos nossa pesquisa pelo que tínhamos de registros em vídeos e fotografias. Alguns dados e arquivos encontramos nos computadores de pessoas da comunidade e postados em redes sociais, como o *YouTube*. Outro movimento para recolhimento de possíveis registros foi criar um grupo de pessoas que participaram ou apoiaram esses eventos para discussão em outra rede social, o *FaceBook*. Isso nos ajudou a recolher e tentar pôr em ordem cronológica um pouco da história e do contexto dessa caminhada. Então, como um quebra-cabeça, fomos montando a linearidade dessa história. Identificamos o início a partir de 2004, com a 1ª Caminhada do Orgulho Surdo.

**Figura 11** - Exemplos de registros nos arquivos gravados da 3ª Caminhada Orgulho Surdo, 2006.



**Figura 12** - Autora Surda em pesquisa-investigação para coleta de dados em registro, 2016.



**Figura 13** - Autora Surda em pesquisa-investigação para coleta de dados em registro, 2016.



Essa metodologia de pesquisa investigativa tem motivo em pesquisar sobre o poder registrar o acontecimento histórico para o Povo Surdo.

#### **4. IMAGENS E MEMÓRIA: CONVOCAR, CAMINHAR E SER VISTO**

A passeata do movimento de Orgulho Surdo, como foi inicialmente chamada, teve início no percurso do bairro do Leme a Copacabana. Os eventos contaram com os depoimentos de vários Surdos relatando acontecimento histórico, razões e ideias mediadas por um locutor sinalizante. Nessas falas foi contado sobre o surgimento da passeata e do lema do movimento “Orgulho Surdo”. Entre os convidados especiais destacamos Nelson Pimenta, Luciane Rangel Rodrigues, Ana Regina e Souza Campello que atuaram como idealizadores e incentivadores desse evento. Nas primeiras passeatas, destacamos a colaboração da Tradutora-Intérprete Gildete da Silva Amorim Mendes Francisco. Como divulgadora dos eventos e uma forte influência entre os Surdos cariocas, lembramos a importância de Ronise Conceição de Oliveira, por seu apoio ao movimento até os dias atuais – com destaque aos coletivos de Surdos da terceira idade.

Cabe destacar ainda que muitos dos dados e registros que apresentaremos neste texto são fruto da generosa atenção de manifestantes e militantes do Movimento Surdo que fizeram de seus registros pessoais uma rica fonte para um corpus imagético dos históricos dessa passeata. Destacamos Andrico Moraes Xavier, Fernanda Araújo Machado, Renato de Araújo Nunes, Camila Lopes Nascimento, Elaine Maria de Lima Bulhões, Ulrich Palhares Fernandes, Ricardo Boaretto de Siqueira, Alexandre Luiz Lopes Pinto, Bruno Ramos, Vanessa Miro Pinheiro, Ramon Santos de Almeida Linhares e Jean Pardal Ferreira de Brito, assim como outros que, por serem tantos, não teríamos como citar aqui.

Sobre o simbolismo da fita azul, destacamos que sua difusão pelo Brasil

se deu graças à vinda da líder e militante Surda Ella Mae Lentz, que difundiu as ideias de Paddy Lady sobre esse símbolo na luta contra o ouvintismo e a abertura para os tempos pós-colonização das Comunidades Surdas. Um símbolo que trata da defesa da autonomia da Comunidade Surda. De 2004 até 2007, a cor da camisa era um assunto em aberto pois não existia um padrão de cor a ser utilizado, não havia uma cor padrão da Caminhada. Isso, pois ainda não eram conhecidas as concepções de Lentz e Ladd sobre o uso da cor azul – como é conhecido hoje. O uso do azul foi progressivo, aos poucos foi adotado pelo movimento a partir de 2008. Para além do símbolo fita azul, com o passar dos anos a cor azul, em diferentes tons, já estava surgindo em outros objetos (arco, camisa, broche etc.) pelos manifestantes presentes. Essa escolha da cor foi difundida para outras regiões dos estados do Brasil. Isso mudou a questão da cor em aberto que passou para o azul até os dias de hoje.

Esse símbolo é utilizado como uma espécie de metáfora de empoderamento coletivo. Essa cor funciona como um “escudo” de autodeterminação que é oferecido aos Surdos pelos próprios Surdos como apoio para construção de mais autonomias, reflexão e poder de escolha em suas próprias vidas. A ideia é de que, se alguns Surdos perderem suas forças por causa da opressão vivenciada em uma sociedade excludente, sempre existirão outros Surdos que vão se levantar para dar força aos Surdos enfraquecidos – compartilhando conhecimento e empoderamento ou mesmo os acolhendo mais próximo da comunidade como um espaço de pertencimento e aceitação. Construir vínculos cada vez mais firmes e laços afetivos espontâneos entre Surdos como fruto da ação dos próprios Surdos se mostra uma atividade política em consonância com o que diz Paddy Ladd sobre os valores existenciais fortificados pela vivência em Comunidade Surda. Sobre sua própria experiência, o autor relata:

Tendo crescido isoladamente de outras pessoas Surdas, achei um imenso desafio pessoal para confortar e derramar aspectos do meu condicionamento oralista pessoal, mesmo que eu intelectualmente rejeitei sua razão de ser. No entanto, por perseverança e comprovada comprovação, cheguei gradualmente a ser aceito por pessoas Surdas e, simultaneamente, comecei a aceitar a sua visão de mundo e história muito diferentes, passando de Surdo (isto é, a condição de situar a minha visão de mundo em torno das perspectivas audiológicas) a Surdo (situando-o em torno de perspectivas culturais e linguísticas) durante esse processo (LADD, 1998, p.2).

Em meio aos diversos conteúdos produzidos no contexto das manifestações públicas do Movimento Surdo carioca, existe um texto (com autor desconhecido) no qual esses valores de unidade ficam explicitados: *“Uma história, uma cultura, um povo, uma língua, este um é o mês setembro azul!”*. Nesse sentido, cabe trazer um tema muito debatido no interior dos Movimentos Surdos que é o conceito de Surdidade. Esse conceito foi desenvolvido por Ladd nos anos 1990:

[...] a fim de iniciar o processo de definição do estado existencial do Surdo enquanto ser-no-mundo. Até agora, o termo médico “surdez” era

usado para incluir essa experiência dentro da categoria mais ampla de “deficientes auditivos”, a grande maioria dos quais eram pessoas idosas com “dificuldades auditivas”, de modo que a verdadeira natureza da existência coletiva de surdos ficou invisibilizada. A surdez não é vista como um estado finito, mas como um processo pelo qual indivíduos surdos passam na atualização de suas Identidades Surdas, compreendendo que esses indivíduos constroem essa identidade em torno de vários conjuntos ordenados de prioridades e princípios, que são afetados por inúmeros fatores como nacionalidade, período histórico e classe [socioeconômica]. (LADD, 2003, p. 19)

A profundidade desse conceito encontrou muita adesão nos Movimentos Surdos pelo mundo. Se, dúvidas, um conceito existencial forte que trouxe respostas muito significativas para as pessoas e Comunidades Surdas que compartilhavam de um sentimento e saber tácito ainda sem um nome específico. Revisto ao longo dos anos, principalmente por cientistas Surdos na Antropologia, Linguística, Tradução e Educação, o conceito é atualmente reconhecido como um marco importante do projeto político de difusão da Cultura Surda. Esses processos de revisão cooperaram também para a revisão desse conceito em uma abordagem mais socioantropológica e menos essencialista. Justamente nesse sentido que a organização de manifestações públicas idealizadas e gerenciadas pelos próprios agentes Surdos reitera o valor dessa caminhada tanto para construção individual das pessoas surdas, como para a revisão social do olhar dedicado a esses cidadãos.

Uma pequena seleção de fotos ilustra, ano a ano, o valor do agrupamento como um exercício de autoafirmação e divulgação dos Valores Surdos. Nessas imagens poderão ser vistos colegas Surdos da comunidade carioca, assim como, entre eles, inúmeros personagens importantes do cenário de Luta e Militância Surda nessa região; muitos ainda jovens na construção dos ideais e redes de afeto, trabalho e saberes que hoje defendem e elaboram com, cada dia, mais consistência.

**Figura 14** - Registro da 1ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2004.



**Figura 15** - Registro da 2ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2005.



**Figura 16** - Registro da 3ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2006.



**Figura 17** - Registro da 4ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2007.



**Figura 18** - Estampa da camiseta no ano 2007



**Figura 19** - Registro da 5ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2008.



**Figura 20** - Registro da 6ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2009.



**Figura 21** - Registro da 7ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2010.



**Figura 22** - Registro da 8ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2011.



**Figura 23** - Registro da 9ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2012.



**Figura 24** - Registro da 10ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2013.



**Figura 25** - Registro da 11ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2014.



**Figura 26** - Registro da 12ª Caminhada do Orgulho Surdo na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 2015.



**Figura 27** - Registro da 13ª Caminhada do Orgulho Surdo Museu de Arte do Rio (MAR), 2016. Foto com formato da Fita Azul, símbolo do movimento.



**Figura 28** - Registro da 14ª Caminhada do Orgulho Surdo com iluminação em cor azul do teto do Museu de Arte do Rio (MAR), 2017.



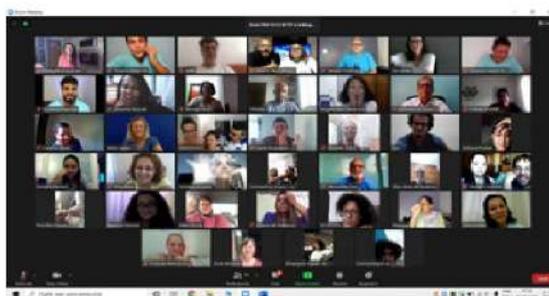
**Figura 29** - Registro da 15ª Caminhada do Orgulho Surdo - Museu de Arte do Rio (MAR), 2018.



**Figura 30** - 16ª Caminhada do Orgulho Surdo no Museu de Arte do Rio (MAR), 2019. Foto comemorativa formando a Letra "S" em referência ao Orgulho Surdo.



**Figura 31** - 17ª Caminhada do Orgulho Surdo em sua primeira versão virtual seguindo os protocolos de segurança devido à pandemia do COVID-19, em 2020.



Aproveitamos aqui para registrar que, com o advento das redes sociais e das tecnologias que nos permitem produzir e acessar produtos audiovisuais, as últimas edições contaram também com materiais de divulgação bilíngues (Libras/Português). Nessas condições, destacamos a 17ª Caminhada quando, por meio das ferramentas tecnológicas, contou-se com a participação de líderes Surdos de referência mundial como Paddy Ladd (ING), Mae Lentz (EUA), Emmanuelle Laborit (FRA), Mark Berry (DIN, atual presidente comissão de jovens Surdos da Federação Mundial de Surdos - WFD), David de Keyzer (FRA), Kasper Bergmann (DIN), assim como de diversos líderes regionais Surdos do Brasil.

**Figura 32** - Cartaz de chamada para a 13ª Caminhada em 2016.



**Figura 33** - Programação da 13ª Caminhada em 2016, realizada em parceria com o Museu de Arte do Rio (MAR).

PROGRAMAÇÃO   2 0 1 6	
13h	Encontro em frente o Museu do Amanhã
14h	Visitação da Exposição Leopoldina no MAR
15	OFICINA
16h	Informes, piadas e história pequena sobre o Movimento do Orgulho Surdo
17h	Iluminação AZUL do prédio do MAR Homenagem ao Orgulho Surdo
18h	Encerramento

**Figura 34** - Imagens do vídeo de divulgação e chamada para a 14ª Caminhada do Orgulho Surdo, em 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=heimsMR-qUA>



**Figura 35** - Cartaz de divulgação da 15ª Caminhada em 2018 com programação e código QR para o vídeo de divulgação em LIBRAS.



15ª CAMINHADA DO

# ORGULHO SURDO

Convidamos Surdos e Surdas, de todas as idades, para marchar pelo **Orgulho de Ser Surdo!** Convidamos também aos ouvintes, sinalizantes ou não, para marcharem junto conosco em apoio e convicção de que os movimentos das Comunidades Surdas são essenciais para afirmação das vidas surdas e para construção da sociedade bilíngue que queremos!

13h - Concentração no monumento central da Praça Mauá  
 14h - Visita Guiada no Museu de Arte do Rio (MAR)  
 15h30 - Festejar o Orgulho Surdo - poesias, piadas e histórias  
 18h - Fotos oficiais com as Luzes Azuis

LER EM LIBRAS



REALIZAÇÃO



23

SETEMBRO  
2018

**Figura 36** - Imagens da transmissão ao vivo da 17ª Caminhada do Orgulho Surdo, em 2020.  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=heimsMR-qUA>.



A produção de eventos, sejam virtuais ou presenciais, celebrando o orgulho de ser Surdo não parou nos últimos 17 anos no Rio de Janeiro. Muitas vidas foram modificadas pelo que se aprendeu, tanto na organização, como na execução desses encontros. A repercussão dessas formas de manifestar e reclamar o direito à autonomia são evidentes por sua repercussão, assim como pelo papel que têm na memória de seus participantes.

## 5. REPERCUSSÕES E RELATOS DE LÍDERES SURDOS SOBRE A LUTA

Durante o período do início do movimento, a caminhada do Orgulho Surdo foi realizada na maioria das vezes nos bairros de Copacabana ao Leme. Mas também aconteceu em outros lugares como, por exemplo, em Niterói. Isso porque foram organizadas mais de uma passeata no mesmo ano no Rio de Janeiro. A ideia da Caminhada em Niterói partiu da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA), na qual existia uma grande representação de agentes Surdos. O conhecimento do Movimento Surdo no município do Rio de Janeiro impulsionou as Comunidades Surdas dessa região à promoção de seus próprios atos públicos. Uma repercussão que não dividiu os grupos, pois as pessoas Surdas participavam e apoiavam nas duas caminhadas nas diferentes regiões. Infelizmente, o evento na Cidade de Niterói deixou de ser realizado, concentrando as Comunidades Surdas apenas no evento em Copacabana, que seguiu sem interrupção até a presente data.

Cabe destacarmos, como pôde ser percebido nas imagens anteriores, que a caminhada migrou para outra localidade nos últimos anos. Da 1ª até a 12ª caminhada, o movimento foi realizado no Leme/Copacabana. A partir da 13ª caminhada, no ano de 2016, com o mesmo tema, “Orgulho Surdo”, o movimento foi transferido para o Museu de Arte do Rio (MAR) - órgão mantido em parceria dos órgãos públicos da cidade com a iniciativa privada, localizado em Boulevard Olímpico, na Rua Praça Mauá, no Centro, Rio de Janeiro. Essa mudança se deu por conta da parceria entre o MAR e o Centro de Integração da Arte e Cultura dos Surdos (CIASC) - uma das principais instituições de Surdos, promotoras e organizadoras da Caminhada do Orgulho Surdo.

**Figura 37** – Registro da Caminhada do Orgulho Surdo no bairro Icaraí, Niterói.



**Figura 38** – Logo do CIACS. Informações disponíveis em <https://www.instagram.com/ciacs.artes>



O CIACS tem o enfoque na promoção de artistas Surdos e atividades artístico-culturais para Coletivos Surdos e, por isso, desenvolveu essa parceria com o MAR, que respondeu com apoio efetivo à Comunidade Surda desde 2015 a 2019. Essa articulação entre as instituições Surdas e as instituições das suas cidades mostra o valor da identidade linguístico-cultural e afirma o quanto o ser feliz do Ser Surdo está relacionado às pautas do movimento dos Surdos; que podem ser potencializadas pela articulação ética e crítica com inúmeras esferas da sociedade.

No processo de construção das imagens que compõem essa apresentação do Movimento Surdo carioca, nos pareceu relevante trazermos também o relato traduzido de alguns líderes Surdos sobre suas lembranças a respeito da Caminhada. Começamos com o relato do hoje professor e doutor Nelson Pimenta de Castro, a respeito do lema “Orgulho Surdo”. Ele nos diz:

*“Tudo bem? O sinal que usamos para nos referir ao “ORGULHO”, esse conceito, vocês sabem como surgiu a ideia de falarmos sobre isso? Usado assim junto com a palavra “SURDO” foi uma ideia que tive a colega Ronise [Oliveira]. Nós dois discutimos sobre nosso trabalho de coordenação do Grupo Arco-íris que lutava pela conscientização ligada à temática do ser homossexual. Durante o tempo que nos relacionamos e apoiamos esse movimento víamos inúmeras vezes a palavra Orgulho Gay. O termo era usado tendo em mente uma visão positiva e achamos isso muito interessante. O termo Orgulho é utilizado para apontar posturas sem preconceitos também por outros movimentos; como Orgulho Negro. Refletimos que esse sinal “ORGULHO” deveria também ser associado com a gente, com o Orgulho Surdo. Esta foi a ideia que veio na época para o tema da primeira caminhada. Confeccionamos camisas onde estampamos o desenho do sinal “ORGULHO” em Libras e “Orgulho Surdo” em português. Com o passar dos anos, o curso de Letras Libras foi inaugurado e dali em diante compartilhamos essas ideias com mais pessoas e resolvemos somar fita azul junto com esse tema; como ficou até hoje. É isso, ok?”*

A militante Surda Ronise Conceição de Oliveira, em seu relato para nós, reforçou o que nos contou o professor Nelson, acrescentando o processo de

criação da imagem do lema:

*“Oi, tudo bem? Explicarei um pouco sobre o lema “Orgulho Surdo”, porque optamos pelas palavras “ORGULHO” e “SURDO”. Eu e Nelson, sentados em uma reunião do Grupo Arco-íris de Conscientização Homossexual conversávamos sobre como iríamos nomear uma passeata da Comunidade Surda. O colega, então, me falou: “Já viu que muito movimentos falam de orgulho, orgulho gay, orgulho negro? Sempre se fala de orgulho, orgulho...”. E pensamos juntar o termo SURDO com Orgulho. Foi por este motivo que começou o lema “Orgulho Surdo”; na época da causa gay, mas motivados, tendo como referência a ideia de ter ORGULHO de ser SURDO. Por que não ser orgulhoso de ser Surdo? Queria aproveitar e mostrar o registro do desenho que Nelson fez para fazer a estampa da camiseta branca que o Nelson fez. Olha só o lema “Orgulho Surdo” e essa arte. Foi próprio Nelson fez. Tchau!”*

A imagem da estampa foi utilizada por alguns anos pelo movimento em seus



eventos públicos.

**Figura 39** - Primeira camisa do ano 2004, ilustrada pelo militante e líder Surdo Nelson Pimenta Castro.

A abordagem *O orgulho de ser Surdo* estampou a primeira caminhada, mas já era uma ideia difundida entre Surdos cariocas por meio de professores Surdos que souberam trazer a temática para suas salas de aula, como nos relata a professora e doutora Surda Ana Regina e Souza Campello:

*Há um tempo, no ano 2003, na APADA, a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição em Niterói, atuei como professora no ensino de Língua Portuguesa, aproveitei para orientar aos alunos lerem o livro “Vendo Vozes”, de Oliver Sacks. Em um exercício de interpretação de texto, discutimos sobre o movimento ocorrido em Gallaudet em 1998 [que pedia um presidente Surdo na maior universidade de Surdos dos EUA]. Lembro que, após a conclusão da minha explicação, os alunos Surdos ficaram muito curiosos para saberem mais e pediram para continuarem a leitura desse texto. Os alunos Surdos compreenderam e se expressaram muito bem nessa experiência. A partir disso, eram um grupo motivado pela consciência da importância de sentir o orgulho de ser Surdo. Acredito que isso influenciou muito no movimento de 2004, quando se iniciou a caminhada, pois pude ver esses alunos lutarem junto com outros Surdos sob o lema do Orgulho Surdo.*

A caminhada do Orgulho Surdo, ainda debatida no campo educacional, vem para consolidar a percepção de professores Surdos sobre a aparente passividade de alunos Surdos em salas de aula e na vida. A professora Surda Luciane Rangel Rodrigues nos relata isso em seu processo com educação de Surdos.

*“Este é meu sinal, me chamo Luciane. Por volta de 1999 iniciei como coordenadora de supletivo com jovens e adultos Surdos. Neste período de trabalho observei, pude perceber, que alunos, a maioria dos alunos Surdos, não tinha facilidade para expressarem opiniões bem articuladas ou ideias próprias. Por isso, desenvolvi o maior número de ações que oportunizassem um ensino compartilhado, mutuamente assimilável e expressivo. Eram sempre oportunidades de vivenciar a escola de modo livre e autônomo. Fundamos uma feira sobre “Mundo Surdo”, isso foi em 2002. O objetivo de os alunos Surdos frequentarem a feira foi para conhecerem como o conceito de cultura pode ser amplo, mas também específico em relação à língua. Foi um espaço também aberto ao teatro em Libras e outras exposições. No ano 2003, foi iniciado o curso de formação Instrutor para adultos Surdos. Tivemos, então, mais pessoas Surdas aproveitando e compartilhando do espaço da feira de Mundo Surdo em continuação ao trabalho. Mas, com o tempo, percebemos a falta de falarmos para fora da feira, falarmos para que outras pessoas pudessem conhecer nossa Comunidade Surda. Eu, o professor Nelson Pimenta e a professora Ana Regina Campello conversamos e aceitamos o desafio de organizarmos uma passeata do Leme a Copacabana para que fôssemos vistos com importância e respeito pela sociedade. Uma estratégia para afirmar o valor positivo do ser Surdo com sua cultura e língua. Durou um ano ou dois anos. Então, Nelson deu a ideia de usarmos o lema “Orgulho Surdo”. Argumentávamos que nós Surdos temos direito de ter orgulho de quem somos e a oportunidade de aceitar Ser Surdo. OK? Tchau! Tchau!”*

Espaços formativos liderados por docentes Surdos são significativos para a difusão dos saberes da Cultura Surda. Muitos dos jovens Surdos na imagem a seguir, nessa época em formação, se tornaram pessoas muito significativas e articuladoras do processo de defesa dos direitos Surdos no Rio de Janeiro e fora dele.

**Figura 40** - Essa foi primeira turma de APADA-Niterói



A cooperação no processo de desenvolver autoestima e autonomia promovidos pelos próprios Surdos entre si marcam muito do trabalho de bastidores que é realizado para que eventos públicos sejam realizados e se tornem símbolo do processo de luta vivido pelas comunidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para concluirmos, gostaríamos de relatar que neste momento o debate sobre a “cor correta” ser azul claro ou azul turquesa ainda continua polêmico. Mas apontamos também a feliz coincidência em observar os logotipos de organizações da Comunidade Surda (como a FENEIS, FSERJ, CISS, WFD, entre outros) representa com azul sendo escuro ou turquesa, demonstrando que o recorrente e importante é azul, sem tonalidade dessa cor. Poderíamos inclusive lembrar que o símbolo da bandeira do INES também apresenta a cor azul.

Ratificamos a importância do que foi dito com o reconhecimento de que:

Essas experiências e crenças estão contidas fortemente no símbolo da fita azul-turquesa, que representa a memória de todos aqueles que têm sofrido opressão. E azul-turquesa foi a cor dada para as pessoas Surdas pelos nazistas. [...] Usar a fita azul turquesa não é apenas se empenhar em manter viva a memória de todos aqueles que sofreram opressão, mas é estar comprometido com a causa de todos aqueles que ainda estão sofrendo opressão em nossos dias. E isto é se obrigar a se comprometer a lutar para terminar esta opressão agora, a favor de todos os Surdos do mundo e daquelas crianças Surdas que ainda estão para nascer (LADD, 2003, p. 470- 471). [Tradução dos autores].

Percebemos com o tempo que somos todos iguais como Surdos, mas com diversidade nas diferentes formas de manifestarmos nossa identidade e língua. O que todo o movimento que descrevemos aqui prioriza é respeito e apoio na defesa do direito de a pessoa Ser Surda.

## Referências

- CLEMENTE, M. R.; VIEIRA, R.; MARTINS, F.; ANDRADE, A. I. Linguistic diversity in Aveiro, Portugal: Exploring linguistic landscape methodologies in the “Beira Mar” neighborhood. **Internet Latent Corpus Journal**, v.3, n.1, p. 116 – 133, 2013.
- COSTA, A. P.; LOUREIRO, M. J.; REIS, L. P.; NERI DE SOUZA, F. Análise de Interações Focada na Colaboração e Cooperação do Modelo 4C. **Revista Lusófona de Educação**, v. 29, p. 19 – 39, 2015 .
- LADD, PADDY. **Blue Ribbon Ceremony Video**. Disponível em: <http://www.joeybaer.com/blue-ribbon-ceremony-video-1999/>. Acesso em: jan. 2019.
- LADD, Paddy. **Understanding Deaf Culture**: In Search of Deafhood. Multilingual Matters Ltd. 2003.
- TEIXEIRA-DIAS, J. J. C.; PEDROSA DE JESUS, H.; NERI DE SOUZA, F.; WATTS, D. M. Teaching for Quality Learning in Chemistry. **International Journal of Science Education**, v. 27, p. 1123 – 1137, 2015.
- WATTS, M.; ALSOP, S. A. Terms of Engagement: Learners and School Science. In: **Paper presented to the Annual Com.** 2000.
- WIKIPEDIA. **Esterilização de pessoas Surdas na Alemanha nazista**. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Sterilization\\_of\\_deaf\\_people\\_in\\_Nazi\\_Germany](https://en.wikipedia.org/wiki/Sterilization_of_deaf_people_in_Nazi_Germany) . Acesso em: 22 jun. 2019.

